

# Economista escreve muito mais e difícil

Isabel Christina Pacheco

O economista está mais uma vez na berlinda. A professora Maria Helena Duarte Marques, em sua tese de doutorado de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), comprovou que, comparados com a linguagem usual do jornalismo, os textos dos economistas não só contêm um vocabulário mais difícil e inacessível, como apresentam complexidade muito maior, em função da construção da frase e do número de palavras por período.

Em cada período de um texto escrito por economista, a média é de 45,23 palavras por frase. Já um texto jornalístico reduz esse número para 27,48 palavras. Foram sorteados 549 trechos de jornais (JORNAL DO BRASIL, O Globo e O Estado de S. Paulo) e revistas (Veja, Isto É e Manchete), contra 700 períodos de Economia. A professora chega à conclusão de que, nesses últimos, existe "acentuada imprecisão vocabular e até ambigüidades".

## Os sorteados

Para o trabalho de Maria Helena Duarte Marques, todo desenvolvido em computador, foram sorteados diversos economistas ilustres, como Edmar Bacha, Josef Barat, Octavio Gouveia de Bulhões, Eugenio Gudin, Carlos Langoni, Affonso Celso Pastore, Mario Henrique Simonsen, Roberto Campos, André Franco Montoro Filho, Claudio Haddad, Sebastião Marcos Vital e Pedro Malan. O ex-Ministro Delfim Netto conseguiu escapar do sorteio.

Também houve sorteio para os períodos submetidos à análise lingüística. E, entre os destaques de complexidade, pode ser citado um trecho escrito pelo ex-Ministro e Senador Roberto Campos para a Revista Brasileira de Economia, editada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Diz o texto escolhido:

"Contemplando em retrospecto o panorama da América Latina, nestes últimos anos, em que emergiram ideologias confusas, o nacionalismo, por exemplo, como um catalisador de frustrações antes que um organizador de esforços, o Estado do bem-estar prematuro, que promove a distribuição, mas reduz a produção, o desejo de obter investimentos estrangeiros e o medo da dependência, o estatismo como fórmula mágica para criar recursos por fiat governamental, tendo contemplado tudo isto ao longo dos muitos anos, cheguei à confortável conclusão de que, no final, a minha palavra de ironia não era totalmente privada de sabedoria".

São 95 palavras escritas em nove linhas, sem ponto e separadas por vírgulas. Outro claro exemplo de complexidade pode ser obtido com um período escrito pelo ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, para a publicação Estudos Econômicos, do Instituto de Pesquisas Econômicas da Universidade de São Paulo. O trecho sorteado é o seguinte:

"A estabilidade relativa da relação investimento/ produto, e a taxa agregada de retorno resultam em apenas um pequeno erro na estimativa de contribuição futura do capital físico, que deriva da tendência declinante de sua participação relativa (e, portanto, da sua elasticidade produto)".

Também é um exemplo interessante o texto do economista da PUC Francisco Lopes (cujas teorias inspiraram os autores do Plano Austral, na Argentina). Diz o trecho publicado na Pesquisa e Planejamento Econômico:

"Se o crescimento é limitado primordialmente pela disponibilidade de poupanças, o ato de poupar de um indivíduo será responsável por algum aumento no consumo, o que significa dizer que a renda corrente superestima a desigualdade quando se compara um indivíduo de alta renda que poupa e um indivíduo de baixa renda que não o faz".

## Outras conclusões

A extensa tese de Maria Helena Duarte Marques (325 páginas) frisa que é natural que uma linguagem científica, usada para veicular idéias e pensamentos dentro de uma comunidade específica, não pode ser a mesma do que a utilizada pelo leigo. Ela é, normalmente, mais complexa. O "plano dramático", a seu ver, surge na passagem de seu conteúdo para o entendimento do leigo.

— Com frequência — diz ela —, o conteúdo é colocado de forma muito geral, que não quer dizer nada (o que dá margem a diversas interpretações), ou pode impregnar-se de ideologia própria (o que também dá margem a distorções em relação ao pensamento original). Essas manipulações e distorções, no seu entender, ocorrem em diversos campos do saber científico.

A imprecisão vocabular nos textos especializados em Economia, no entanto, são um traço forte de sua característica. Entre os exemplos citados na tese de doutorado estão:

- Termos gerais, sem definição precisa (setor, modelo, ensino);
- termos gerais e especificamente ambíguos, de emprego flutuante na própria ciência (setor, fator, processo, público);
- multiplicidade de termos para um mesmo conceito (crescimento / desenvolvimento; externo/exterior/internacional; interior/rural/não urbano);
- siglas e reduções vocabulares (PNB, FMI, relação insumo-produto); construções derivadas e compostas, em que há inovação na criação vocabular (desimportância, desutilidade, desinvestimento), etc.

Outra característica marcante dos textos dos economistas é o pouco interesse que despertam, entre eles, os assuntos mais ligados ao campo social. O tema recordista de interesse, considerando-se os 700 trechos sorteados, é "teoria econômica e monetária" (86 períodos), vindo depois, empatados com 68 períodos, "economia internacional", "política industrial" e "agricultura". Logo abaixo, com 54 períodos, vêm "contabilidade social" e "moeda, crédito e bancos".

Temas como economia do consumidor, "saúde, educação e bem-estar", "economia dos recursos naturais" e "população" não chegam a atingir a casa dos 20 períodos, em relação ao total sorteado.

Finalizando, a professora Maria Helena Duarte Marques admite que "a desconcertante imprecisão das teorias econômicas deve-se, em grande parte, à indefinição terminológica. A imprecisão conceitual disso decorrente presta-se à manipulação das ambigüidades, para distorção de fatos, e sua apresentação de modo vago e intencional dissimula a realidade".

Ela conclui: "Em vez de polêmicas infundáveis no campo da terminologia científica, conviria que os economistas se voltassem para a análise e o esclarecimento do significado das palavras, único meio de se conseguir uma nomenclatura e uma linguagem mais precisa em Economia".